

BETAR & ARTES & LETRAS

Verão!

Antes de irmos de férias, damos
mais algumas sugestões culturais
para os seus tempos livres

B
Betar

ENTREVISTA

**ARO. ALEXANDRE
MARQUES PEREIRA**

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Antes de irmos de férias, providenciámos mais uma panóplia de sugestões culturais para os seus tempos livres. O calor aperta mas não podemos resumir os dias à praia. Julho e Agosto são também meses recheados de eventos interessantes, dos quais apresentamos aqui um breve resumo.

Como não podia deixar de ser, continuam os Festivais de Verão, um pouco por todo o país. É tempo de Optimus Alive, Marés Vivas, Cascais Music Festival e Sudoeste TMN mas também há lugar para festivais de música clássica, cujas sugestões são apresentadas pelo especialista residente, António Cabral.

Nas artes, destaque para a exposição “Tesouros da feira da ladra”, patente no MUDE, pela originalidade em reunir artigos que normalmente não têm lugar nos museus.

No teatro, sublinhamos o Festival Internacional de Teatro de Almada, que todos os anos nos traz um pouco do que de melhor se produz nos palcos nacionais e estrangeiros.

Lá fora, pode apreciar quadros de Damien Hirst, na Tate Modern, ou ver uma mostra sobre a temática dos animais, com obras de Leonardo da Vinci, Rembrandt, Degas, Giacometti, Matisse e Andy Warhol, no Grand Palais, ou ainda um vislumbre de gótico internacional, no Museu Nacional de Arte da Catalunha.

Espaço ainda para uma sentida homenagem ao arquiteto Manuel Taíinha, falecido o mês passado, assinada pelo seu discípulo e amigo Arq^o Fernando Bagulho. O arquiteto Manuel Taíinha honrou-nos ao longo dos últimos 25 anos ao escolher a Betar como colaboradora, ficando para sempre no nosso coração.

Destaque para a entrevista ao arquiteto Alexandre Marques Pereira, também aluno e amigo do Mestre que venceu o Prémio Valmor em 1991.

JOSÉ VENÂNCIO

À medida que o mundo se vai enriquecendo, também o nosso trabalho se vai alterando. A linguagem tem de ser contemporânea e as referências adaptadas sem complexos.'

A filosofia do arq. **Alexandre Marques Pereira.** Por Cátia Teixeira



Biblioteca do Politécnico de Tomar

Houve uma infeliz coincidência entre o timing desta entrevista e o falecimento do Arq. Manuel Taíña, mas é por aí que faz sentido começar... A sua formação profissional foi iniciada, em 1986, precisamente no atelier do arquiteto Taíña. O que é que aprendeu com ele? É uma referência para si. Pretende desenvolver o legado que deixou?

Fui aluno do arq. Taíña, no Convento de São Francisco, em 1985. Começou aí a minha aprendizagem com ele. No final do ano ele convidou-me para ficar como colaborador dele no projeto da Faculdade de Psicologia. Fiquei lá vários anos. Criou-se uma relação de amizade. Aprendi muito com ele. Aprendi sobretudo uma maneira de estar na profissão, de me relacionar com os outros. Aprendi a prática e o gosto pelo ofício, a importância da escala, o gosto pela construção e a relação com a obra... Éramos muito cúmplices, apesar da diferença de idades, porque ele sempre foi uma pessoa jovem da cabeça. Aprendi muito com ele a todos os níveis, era uma pessoa com muitas paixões. É uma referência, não só para



Palacete do Relógio, Cais do Sodré

mim, mas particularmente porque continuei a ter muitos projetos com ele. O último foi o Cais do Sodré. Tínhamos uma relação muito próxima. Entreguei agora a tese de doutoramento e tenho muita pena que ele não possa assistir. O legado dele está na minha arquitetura, parte dela aprendi com ele. Nessa medida, consciente ou inconscientemente ele estará sempre presente, enquanto eu fizer arquitetura e não só, também na forma de ensinar, na relação com os alunos porque ele tinha a humildade de saber que o ensino, e a própria profissão, são uma troca, damos mas também recebemos. Assim as coisas funcionam para os dois lados. E é isso que eu pretendo seguir, faz parte da minha natureza mas também aprendi com ele. O Manuel Taíña era o arquiteto dos sete ofícios. Tinha essa rara característica de trabalhar todos os dias, como se fosse mesmo o seu ofício, mas tinha muitos outros, desde a escrita, à música... Era um homem de cultura e havia uma contaminação desses saberes na sua obra. Gosto de recordar os bons momentos de trabalho e de conversa

que tínhamos, conversa sobre arquitetura e sobre tudo o resto. O arq. Taíña tocou várias atividades de uma forma notável. À parte dele só mais um ou dois. Era uma pessoa especial. No nosso contexto e no nosso tempo, direi mesmo única.

E o que é que o arq. Alexandre Marques Pereira pensa da profissão?

Acho que a arquitetura é um trabalho de equipa, depende do cliente, dos colaboradores, dos engenheiros, dos construtores... E essas pessoas têm de ser competentes e têm de gostar do que fazem, mas têm sobretudo de ter um espírito de equipa, têm de ter uma cultura de diálogo e não de confronto. Até agora tive o privilégio de trabalhar com engenheiros como Veiga de Oliveira e o José Pedro Venâncio, que para além de serem pessoas competentes no que fazem, são pessoas que se interessam pelo mundo e eu acho que isso é muito importante. Às vezes quando se fala de arquitetura esquece-se que existem diversos intervenientes, os arquitetos falam muito sobre eles próprios...

ENTREVISTA

A arquitetura é como um filme, o realizador sozinho não faz nada, precisa dos atores, dos argumentistas, dos diretores de fotografia... Na arquitetura é muito importante trabalhar com bons engenheiros, por exemplo. É essencial para que uma obra consiga atingir algo de minimamente competente.

Como é que descreve o seu estilo arquitetónico?

Eu acho que não tenho um estilo arquitetónico. Carregamos sempre as nossas influências mas há uma frase que eu gosto muito, do filósofo Ludwig Wittgenstein, que é “os limites da nossa linguagem são os limites do nosso mundo”. À medida que o mundo se vai enriquecendo, também a nossa linguagem, neste caso o nosso trabalho, se vai alterando. Não tenho um estilo, foi uma coisa que também aprendi com o arq. Taíinha, ele próprio não tinha um estilo, as coisas são feitas de acordo com o momento. Acho que essa coisa de ter um estilo pode ser um beco sem saída, fazemos sempre as mesmas coisas quando as circunstâncias e as pessoas mudam a toda a hora. Quer tenhamos referências do passado ou do presente, a linguagem tem de ser contemporânea e as referências adaptadas sem complexos.

Para além da profissão de arquiteto, é Prof. na Universidade Lusíada, tem participado em várias conferências e seminários, e foi Prof. convidado na Universidade de Auburn, Alabama. Estas atividades paralelas são também uma vocação? Gosta de ensinar?
Gosto. Gosto porque acho que um arquiteto que só se dedica à arquitetura, e que só faça arquitetura, dificilmente será um arquiteto completo. Aprende-se muito com as coisas que estão à nossa volta. Eu aprendo muito com o cinema, com a pintura, com a fotografia, com a



Casa Rua Saraiva de Carvalho

literatura, com a música... A arquitetura tem a sua natureza específica mas relaciona-se com muitas outras coisas, tudo isto se interliga. Aos meus alunos, tento passar aquilo que sei, falo das referências, e de tudo o que envolve a arquitetura, mas também tento que eles se interessem por estas outras coisas, que se abram ao mundo. Quando eu acabei o curso, o que me serviu de referência para o trabalho final foi o livro “As memórias de Adriano”, da Marguerite Yourcenar. Foi uma grande influência para o meu trabalho de fim de curso.

O que é que gostava de fazer que ainda não teve oportunidade?

Eu gostava de fazer uma igreja ou um cemitério. Está relacionado com as minhas viagens, que é outra coisa que influencia muito o meu trabalho. Fiz muitas viagens ao norte da Europa e lá existem cemitérios belíssimos. Gosto da relação entre a arquitetura e a paisagem. Gosto de projetos que se desenvolvem numa relação com o exterior, não gosto de coisas fechadas, gosto de trabalhar a partir de envolventes interessantes, gosto da relação entre interior e exterior. Gostava de fazer uma igreja porque nunca fiz nenhuma, fiz bibliotecas, escolas, casas, mas igrejas nunca fiz e gostava de fazer.

TEATRO

Todos os anos, o Festival de Teatro de Almada reúne uma mostra das melhores peças nacionais e estrangeiras. Em cena em várias salas, são muitas as representações de qualidade



Festival Internacional de Teatro de Almada

De 4 a 18 de Julho

A edição deste ano do Festival Internacional de Teatro de Almada conta com Ricardo Pais, que apresenta, no Teatro Municipal de Almada, nos dias 5 e 6, a sua segunda leitura de O Mercador de Veneza, de William Shakespeare, e Pedro Gil e Romeu Costa que estreiam na Culturgest Enquanto vivermos. Os TgStan trazem, ao Maria Matos, Nora, de Henrik Ibsen, entre os dias 6 e 9, e no Teatro da Politécnica, de 5 a 14, será apresentada Herodíades, de Giovanni Testori, com encenação de Jorge Silva Melo.

No Institut Français de Portugal, dias 6 e 7, pode ver-se Para Louis de Funès, de Valère Novarina, encenada por Philip Boulay, e na Escola D. António da Costa, no dia 7 há Hábito, a partir d'O livro do desassossego, de Fernando Pessoa, com encenação de Roberto Bacci e Anna Stigsgaard e, no dia 11, Dois de nós, uma criação de Ana Pepine e Paul Cimpoieru.

Já no São Luiz, encenada por Peter Stein, sobe ao palco a peça Fantasia Fausto, de Goethe, nos dias 9 e 10, e no Teatro Nacional D. Maria II, nos dias 10 e 11, podemos assistir à peça A véspera do dia final, uma criação de Yael Ronen.

No dia 9, uma proposta ao ar livre, no Largo de São Carlos. A peça chama-se Lisboa e é encenada por Anna Stigsgaar. De 12 a 15, na Culturgest, Murmúrios dos muros, criação e encenação de Victoria Thierree-Chaplin, e no Fórum Romeu Correia, a 16 e 17, O Sr. Ibrahim e as flores do corão, de Eric-Emmanuel Schmitt com encenação de Miguel Seabra.

Destaque ainda para o regresso de Que fazer?, de Jean-Charles Massera e Benoît Lambert, peça apresentada no ano passado e escolhida pelo público para ser espectáculo de honra desta edição. Em cena na Escola D. António da Costa no dia 14.

Mesmo em tempo de praia e festivais, não pode deixar de haver lugar para o cinema. Um filme é sempre uma boa aposta. A A&L apresenta-lhe duas sugestões para um fim de tarde descontraído

estrelas

O Cavalo de Turim

Vidas miseráveis



Título original: A torinói ló
De: Béla Tarr, Ágnes Hranitzky
Com: János Derzsi, Erika Bók e Mihály Kormos
Drama, M/12
Hungria, 2011, 146 min

Ao ver um camponês a chicotear o seu cavalo, o filósofo Friedrich Nietzsche tenta proteger o animal e impedir a brutalidade dos golpes com o seu próprio corpo. É então que perde os sentidos. Estamos em Turim, a 3 de Janeiro de 1889. A partir daquele horrível incidente, Nietzsche nunca mais recuperará a razão. É-lhe diagnosticada uma grave doença mental que o deixa acamado e o faz perder a fala. Fica aos cuidados da mãe e das irmãs até ao dia da sua morte, a 25 de Agosto de 1900. A partir daqui, o filme recria o percurso do camponês. O homem que agrediu o animal é um agricultor que ganha a vida a vender os seus produtos na cidade e que não percebe que o seu sustento depende do velho companheiro... Quando o cavalo morre, os seus problemas ganham outra dimensão. O filme, realizado pelo húngaro Béla Tarr foi o vencedor do Urso de Prata - Grande Prémio do Júri no Festival de Berlim em 2011.

Corpo Celeste

A descoberta da adolescência



Título original: Corpo Celeste
De: Alice Rohrwacker
Com: Yle Vianello, Salvatore Cantalupo, Anita Capriolo e Renato Carpentieri
Drama, M/12
ITA, 2011, 95 min

Marta tem treze anos e, após ter passado quase toda a vida com a família na Suíça, regressa ao sul profundo italiano, a Reggio Calabria, a cidade onde nasceu. Com ela estão a mãe e a irmã mais velha, que mal a suporta. É ali que Marta vai ter de encontrar o seu lugar na comunidade e redescobrir-se como ser humano, em plena idade da puberdade, com todas as alterações que isso implica. O caminho será ainda mais difícil, porque naquele lugar tudo gira à volta da religião. Marta começa imediatamente a frequentar o curso de preparação para o crisma: está na idade certa e todos lhe dizem que é um belo modo de fazer novos amigos. E mais, sem o crisma nem sequer se pode casar! Escrito e realizado por Alice Rohrwacker, este é um filme sobre as enormes transformações do crescimento, uma história contada através do olhar de uma adolescente.



clássicos

A Ponte do Rio Kwai

A Ponte do Rio Kwai é um filme de David Lean rodado no Sri Lanka em 1957. Com uma produção sublime, conquistou o público e venceu sete Óscars, entre os quais os de Melhor Filme, Melhor Ator (Alec Guinness) e Melhor Realizador.

A história desenrola-se à volta de soldados ingleses, prisioneiros num campo de concentração japonês, escolhidos para construir uma ponte de transporte ferroviário sobre o rio Kwai. A ideia da construção da ponte é do coronel Nicholson (Alec Guinness), um oficial inglês, que pretende com essa obra demonstrar a superioridade britânica, mas Shears (William Holden), um

oficial americano que se evadiu do mesmo campo, é incumbido de intentar a destruição da ponte.

O tema principal do filme, uma melodia cantolada nos tempos da Segunda Guerra Mundial, intitulada "A Marcha do Coronel Bogey", transformou-se num êxito mundial.

A Ponte do Rio Kwai é ainda hoje uma das experiências cinematográficas mais memoráveis de todos os tempos.

Título original: The Bridge on the River Kwai
De: David Lean
Com: Alec Guinness, William Holden e Jack Hawkins
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, Inglaterra, 1957, 161min

Como já era esperado, Julho e Agosto brindam-nos com mais uma série de bons festivais. Há para todos os gostos. Eis as nossas propostas, espalhadas de norte a sul



Optimus Alive

De 13 a 15 de Julho, em Oeiras

FESTIVAL

O Optimus Alive voltou a fazer história com os passes de 3 dias e os bilhetes para 15 de Julho a esgotarem 35 dias do início do evento. Tudo isso para ver Radiohead, Caribou, The Kooks e PAUS no encerramento. No primeiro dia, sobem ao palco The Stone Roses, Justice, Snow Patrol, Refused e Danko Jones. E dia 14 The Cure, Florence and the Machine, Mumford & Sons, Noah and the Whale e We Trust.



Marés Vivas

De 18 a 21 de Julho em Gaia

FESTIVAL

O Festival Marés Vivas esteve no top de vendas da Ticketline durante algum tempo, o que se explica pelo cartaz de fazer inveja a outros festivais. Tem início no dia 18 com Franz Ferdinand, Wolfmother e The Sounds. No dia seguinte The Cult, Garbage, Kaiser Chiefs, Gun, dia 20 atuam Billy Idol, Gogol Bordello, Ebony Bones, Os Azeitonas e dia 21: Anastacia, The Hives, Pedro Abrunhosa, Mónica Ferraz.



Cascais Music Festival

De 16 a 24 de Julho, em Cascais

FESTIVAL

A abertura do Cascais Music Festival está a cargo dos Keane (16). Seguem-se Scissor Sisters (17) e Melody Gardot (18). Dia 19 atua Erykah Badu, dia 20 Carlos do Carmo, a 22 Manu Chao e dia 23 Xavier Rudd e Donavon Frankenreiter. Dia 24, o palco é de Morrissey e dia 25 de Antony and the Johnsons com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa. Na reta final Pink Martini (27) e no dia 29, Mariza encerra.



Sudoeste TMN

De 1 a 5 de Agosto na Zambujeira do Mar

FESTIVAL

O Sudoeste deste ano abre, dia 1 de Agosto, com Martin Solveig e Pete Tha Zouk. Dia 2 destaque para Ben Harper e Vanessa da Mata e no dia seguinte James Morrison, Richie Campbell e Eddie Vedder. Dia 4 é a vez de The Roots, The Ting Tings, Xutos & Pontapés e Orelha Negra, e no encerramento contamos com Jessie J e Two Door Cinema Club. Mais um bom cartaz para animar o início do mês de Agosto.



Festivais de Verão de Musica Clássica

por António Cabral

Dos programas dos festivais referiremos somente os concertos de Julho, Agosto e Setembro. Para análise mais detalhado consultem os sites.

Festival Internacional de Música de Espinho

De 1 a 26 Julho www.musica-espinho.com

1/7 às 18h – O Ensemble La Venexiana junta, miraculosa e competentissimamente, o Monteverdi e o Jazz.

4/7 às 22h – O trio formado pelos irmãos Capuçon (vl. e vlc.) e Franck Braley (pn.) em Schubert (Noturno), Ravel (Trio) e Beethoven (Trio “Arquiduque”). Não se pode pedir mais. 7/7, 10/7, 13/7, 14/7 e 26/7, sempre às 22h, há também concertos que aconselhamos.

Festival de Música da Póvoa de Varzim

De 6 a 21 de Julho www.cm-pvarzim.pt

Concertos sempre às 21h45

10/7 no Auditório Municipal – A pianista Luiza Tender em Rameau, António Frago e Debussy
11/7 na Igreja da Lapa – O Quarteto Pavel Haas em música de compositores checos (Haas, Smetana e Janacek)

20/7 na Igreja Matriz – Concerto do Huelgas Ensemble. Grande referência da Música Antiga Na Igreja Românica de S. Pedro de Rates:

15/7 – Quarteto Verazin (Schubert, Webern e Brahms)

21/7 – Ensemble Cliincogniti num Programa Vivaldi

Festival Internacional de Música do Estoril

De 5 a 26 Julho www.estorilfestival.net

Ciclo de nove concertos dos quais sugerimos dois:

5/7 às 21h30 no Largo do Teatro S.Carlos (entrada livre) - A Orquestra Sinfónica Portuguesa Dir. Vassalo Lourenço; António Rosado (pn.) e D. Auner (vl.); Rimsky Korsakov (A Noiva do Ksar), Gershwin (concerto em Fa), Tchaikovsky (concerto de violino e orq.) e Ravel (Bolero).
12/7 às 21h30 no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico - O Quarteto de Cordas de Matosinhos interpreta três quartetos de António Pinho Vargas (um deles em 1ª audição) e também o mais conhecido dos quartetos de Shostakovich – o nº 8.

3º Festival das Artes de Coimbra

De 13 a 29 Julho www.festivaldasartes.com

Realiza-se essencialmente na Quinta da Lágrimas em Coimbra. Consulte o programa no site que indicamos.

Ciclo de Concertos - Grande Orquestra de Verão (SEC)

www.grandeorquestradeverao.pt

De 14/7 a 30/9 – 21 concertos por todo o país com as orquestras: do Norte, Filarmónica das Beiras, Metropolitana de Lisboa e do Algarve e as bandas: da Armada e da G.N.R.

O Secretário de Estado da Cultura (num ano de grandes cortes na cultura em geral e na música em particular) tirou da “cartola”, inesperadamente, 21 concertos e um Vitorino de Almeida que nem é da sua área política. Vitorino de Almeida será o diretor artístico dos eventos e a sua Sinfonia nº5 (ainda inédita) será interpretada pelo menos nove vezes. Aplaudamos a iniciativa esperando qualidade nos concertos.

Não deve deixar de visitar a mostra “Tesouros da feira da ladra” patente no MUDE. Uma coleção de artigos, que não costumam ter lugar nos museus, deverá surpreendê-lo

CULTURGEST

Jef Geys: As Sombras de Lisboa

Até 2 de Setembro

Artista de referência máxima no seu país, figura de culto em círculos seletos do mundo da arte internacional, Jef Geys participou na Bienal de São Paulo em 1991, na Documenta de Kassel em 2002 e na Bienal de Veneza em 2009. Não obstante, o artista belga continua a ser pouco conhecido internacionalmente. Para isso contribui, em primeiro lugar, o seu trabalho extremamente idiossincrático, mas também o modo como, desde o início da sua carreira, construiu uma posição de radical independência em relação ao mercado e ao sistema institucional. Esta exposição arrisca a apresentação do trabalho de um artista desconhecido em Portugal através de um novo projeto, um livro de quinhentas páginas intitulado “Todas as minhas fotografias a preto e branco até 1998”, onde Geys compilou um valioso arquivo. As duas últimas provas de contacto reproduzidas no livro correspondem a fotografias tiradas em Lisboa, em 1998.



CASA DA CERCA

Isabelle Faria: Seven Years, Seven Sins

Até ao final do Verão

Esta exposição de Isabelle Faria apresenta desenhos reveladores de um claro conhecimento e domínio das normas clássicas de representação, evidenciando a capacidade desta artista em assumir e neles projetar a sua memória figurativa e saber teórico, o que lhe permite a livre manipulação dos conceitos espaço-temporais, gerando cenários anacrónicos ou mesmo descontextualizados. Atualizando os seus referentes figurativos, há uma profícua margem para recriar, interpretar, analisar crítica e simbolicamente o tema dos Sete Pecados Capitais, recorrente na História da Arte e sempre associado à figura humana. Esta exposição encerra um ciclo criativo de sete anos em que a artista trabalha este tema, centrando-se agora no tema da gula.

MUDE

Tesouros da Feira da Ladra. A beleza do design anónimo

Até 30 de Setembro

A coleção David Osborne, acervo constituído na Feira da Ladra e outros mercados de rua, testemunha o gosto pelo colecionismo. Reunindo artefactos tão diversos como pinças, facas, instrumentos agrícolas ou utensílios de cirurgia, Osborne mostra-se sensível à forma como o Homem sempre procurou a unidade entre a beleza e a funcionalidade. A exposição apresenta cerca de 250 artefactos que, apesar do avanço tecnológico, muitos mantiveram o seu formato e desenho. Acresce que estamos diante formas que muitos anos depois possuem uma grande atualidade ou perante artefactos que são utilizados independentemente de credos ou raças, o que sublinha a universalidade do design. Na verdade, apesar de vivermos rodeados de objetos, raramente paramos para os olhar. Nesta exposição revelam-se fora do seu contexto habitual, e expostos com os preceitos museológicos, o que faz com que fiquemos mais conscientes da sua qualidade estética.



GALERIA RATTON

Xavier Sousa Tavares e Ana Cordovil: o nosso corpo e a alma alada

Até 31 de Julho

“Lisboa é uma cidade que nasceu encostada à extensão do estuário. Talvez por isso há nela um brilho azul e prateado, nas manhãs solares de Inverno, que faz sobressair o rio e os azulejos de Lisboa, como se fossem pedaços de um grande espelho. E, também, em fins de tarde outonais, um outro brilho: afogueado e quente. São brilhos que surgem do encontro da cidade com o rio e com os azulejos e as varandas, rendilhadas e suspensas”. Neste contexto, Ana Cordovil procura dialogar com as formas como, ao longo do tempo, no vidro do azulejo se foi inscrevendo a luz de Lisboa. Já Xavier Sousa Tavares, ao contrário da precisão de Ana, avança por socalcos e surpresas, através de um revigoreamento das cores. Ana Cordovil recorre diretamente aos desenhos e cores dos azulejos tradicionais. Ao contrário, em Xavier, a luz é exterior, não alude a objetos, exalta a cor e a forma que apenas têm como referência elas mesmas.

PORTO

No verão procure o fresco nos jardins... do Porto, claro! Por Maria João Duarte

Teatro diferente do habitual

Vindos do norte da europa: **TEATRO CARLOS ALBERTO:** "Games Without Frontiers" (12 e 13 jul); "Spring and Hope = Bahar And Omid" (14 e 15 jul). **MOSTEIRO S.BENTO DA VITÓRIA:** "Kommandopiece aka Space Invaders" (12 e 13 jul), "Schijnbeweging / Feinting" (14 e 15 jul).

E ainda...

Dança no **RIVOLI:** "Entre A Terra e o Mar" (13jul) e Quebra Nozes (15jul).

CRIANÇAS: Férias de Verão em Serralves (até 31 ago). No **TNSJ** há 3 oficinas (2 a 13 jul). **VILA NOVA DE GAIA, CABEDELLO:** Festival Marés Vivas com: Franz Ferdinand + Wolfmother + The Sounds (18), Garbage + The Cult + Kaiser Chiefs + Gun (19), Billy Idol + Gogol Bordello + Ebony Bones + Os Azeitonas (20), Anastacia + The Hives + Pedro Abrunhosa + Mónica Ferraz (21) **PÓVOA DE VARZIM, ESTÁDIO DO VARZIM SPORT CLUB:** Xutos & Pontapés (10 ago)

Exposições

SERRALVES: "Rússia: Experiências Fotográficas" (1 a 10 ago). **GALERIA SERRALVES:** "Noriaki Hayashi - The sea of spirits" (até 14jul). **GALERIA JOÃO PEDRO RODRIGUES:** "Contudo, move-se..." de Helder Folgado (até 18 jul). **GALERIA BIBLIOTECA MUNICIPAL ALMEIDA GARRETT:** "2ª Mostra do Porto" (até 31 ago). **CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** "Açores: 9 Ilhas/ 9 Fotógrafos" (até 23 Set)

Música

Até 28 de julho, a **CASA DA MÚSICA** apresenta o "Verão na Casa" com concertos (33 gratuitos) ao ar livre, jazz, "world music" e muito mais. Gileno Santana (6), Pedro Vidal, dos "Blind Zero" & The Roadrunners (7), Sonópolis, espetáculo multicultural (8), Playing for Change, Kiko & The Jazz Refugees e Festival "Neu Now" que promove trabalhos de todas as artes (12), Indie pop pelos albicastrens Norton (14), The Mosaic Project & Dianne Reeves, jazz (16), Trilhos da guitarra portuguesa (19), Saxofónia, Tango, Fandango e Pau-Brasil (20), António Zambujo e Prana (21), Groundation, banda californiana de roots reggae (24), Fado Violado com cheirinho a flamengo (26), baterista Hugo Danin Trio, jazz (27).

À descoberta do Porto

Estes parques têm quase todas áreas para praticar desporto e fazer piqueniques. O Jardim do Barão de Nova Sintra, junto ao cemitério do Prado do Repouso, é uma mata com fontes e chafarizes que foram sendo retirados dos seus locais de origem aquando da progressiva canalização da água na cidade. O Jardim do Passeio Alegre, junto ao Douro tem dois Obeliscos de N.Nasoni, e um pequeno "Chalé Suíço". O Parque da Cidade (Av Boavista) com 80 ha e cerca 8,5 km de caminhos, é o "pulmão" da cidade. A Mata da Pasteleira, com 7ha, estende-se pela parte ocidental da cidade até ao Douro. O Parque de S. Roque, na área oriental, onde antes existia a Qta da Lameira, integra um jardim formal com labirinto de buxo, chafarizes e canteiros floridos e um jardim romântico de camélias.

LÁFORA

Vai de férias para a europa? Se o destino for um destes três, encontrámos excelentes propostas culturais. Aproveite quando está perto de grandes artistas, nunca se sabe para onde vão a seguir



Tate Modern, Londres

Damien Hirst

Até 9 de Setembro

Damien Hirst chamou a atenção do público, pela primeira vez, em Londres, em 1988, quando concebeu uma exposição num armazém abandonado mostrando o seu trabalho e o dos seus colegas do Goldsmiths College. Passado quase um quarto de século desde essa mostra, Hirst tornou-se um dos artistas mais influentes da sua geração. Esta é a primeira pesquisa substancial do seu trabalho numa instituição britânica, que reúne obras-chave de mais de vinte anos de carreira.

Grand Palais, Paris

Beleza animal

Até 16 de Julho

Esta mostra explora a relação que os artistas têm com os animais. Leonardo da Vinci, Rembrandt, Degas, Giacometti, Matisse, Andy Warhol... são alguns dos nomes patentes nesta exposição temporária do Grand Palais. Pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, esboços, mas também um episódio de 160 obras-primas da arte ocidental, desde o Renascimento até os dias de hoje, estarão reunidos no mesmo local. Imperdível!



MNAC, Barcelona

Catalunha 1400: O gótico internacional

Até 15 de Julho

Ao longo do século XIV houve um diálogo fascinante entre os dois pólos de modernidade artística: por um lado, França e Países Baixos e por outro Itália. O resultado foi o Gótico Internacional, uma arte marcada por contrastes. Também na Catalunha se adotou esse novo código estético que deu origem a um dos períodos mais criativos da arte desta região. Agora, o MNAC apresenta uma esplêndida coleção de obras-primas desse período fértil, incluindo peças que raramente estão disponíveis ao público.

Está de férias? Vai até à praia? Não se esqueça de levar um livro... A Artes&Letras lembrou-se de duas obras não muito recentes mas, sem dúvida, muito interessantes. Valem a pena



Paolo Giordano

A solidão dos números primos

Um número primo é solitário, só pode ser dividido por si próprio ou por um, nunca se adapta aos outros. Alice e Mattia também são assim. Vivem em torno de si próprios, sozinhos com as suas tragédias. Alice, uma criança bastante introvertida, é obrigada pelo pai a frequentar um curso de esqui para se tornar mais forte. Mas, um acidente terrível deixará marcas no seu corpo para sempre. Mattia é um menino muito inteligente que tem uma irmã gémea deficiente. Um dia, ele deixa-a sozinha num banco de jardim e nunca mais a volta a ver. Estes dois episódios irreversíveis marcarão profundamente a vida de ambos para sempre. Anos depois, quando se encontram, partilham uma dor muda que mais ninguém pode compreender. E tal como os números primos, estão destinados a viver vidas paralelas sem nunca se encontrarem.

Este é um romance que não deixa ninguém indiferente.



A solidão dos números primos

Paolo Giordano
Bertrand, 2009



Tracy Chevalier

Rapariga com brinco de pérola

Este romance histórico decorre em Delft, na Holanda, no século XVII, onde tudo tinha uma ordem pré-estabelecida. Ricos e pobres, católicos e protestantes, patrões e criados, todos sabiam o seu lugar. É neste contexto que Griet, uma jovem de dezassete anos, vai trabalhar para a casa do pintor Johannes Vermeer. Nada mais lhe passava pela cabeça do que fazer a lida doméstica e tomar conta dos seis filhos do pintor. Mas, ao deparar-se com um casa recheada de arte, Griet fica fascinada pelas pinturas do patrão e as suas maneiras delicadas e a sua perspicácia arrastam-na para o mundo dele. Tornaram-se muito cúmplices e, à medida que a rapariga se tornava parte integrante da sua obra, a intimidade crescente entre ambos ia espalhando tensão e decepção na casa e adquiria a proporção de um escândalo em toda a cidade.

Uma obra muito bem escrita onde é quase possível sentir o cheiro do óleo e das tintas.



Rapariga com brinco de pérola

Tracy Chevalier
Quetzal, 2008

FERNANDO BAGULHO

Manuel Tainha 1922-2012

A 18 do mês de Junho a morte fez-se anunciar por um vento estranho que trespassou na rua do Quelhas em Lisboa, com o Tejo ao fundo, levando consigo o Manuel Tainha, mesmo à entrada do Verão, estação de todos os males da sua vida. O Verão e eu não nos damos nada bem, dizia.

Desta vez a morte fugiu à regra, fintou o Verão e antecipou-se, mas ele esperava-a de frente.

Na véspera disse, “Eu já morri”.

Entre o pronunciar desta frase e o fim, medeia apenas o tempo que a morte leva a chegar, piedosa ou impiedosamente, que é só essa a justa medida do tempo, quando chega a nossa hora.

De nada serviu o facto, aliás notável para todos nós, do Manel estar no perfeito uso das suas faculdades, meditando sobre a vida e reflectindo sobre o todo universal do ser e das sociedades humanas, ao mesmo tempo que produzia Arquitectura até ao último suspiro. A sua partida só foi suavizada pela presença dos filhos e da mulher, quando a maldita daquela hora chegou.

Ficou a música e partiu o homem do violoncelo, como lhe chamava o amigo Daciano.

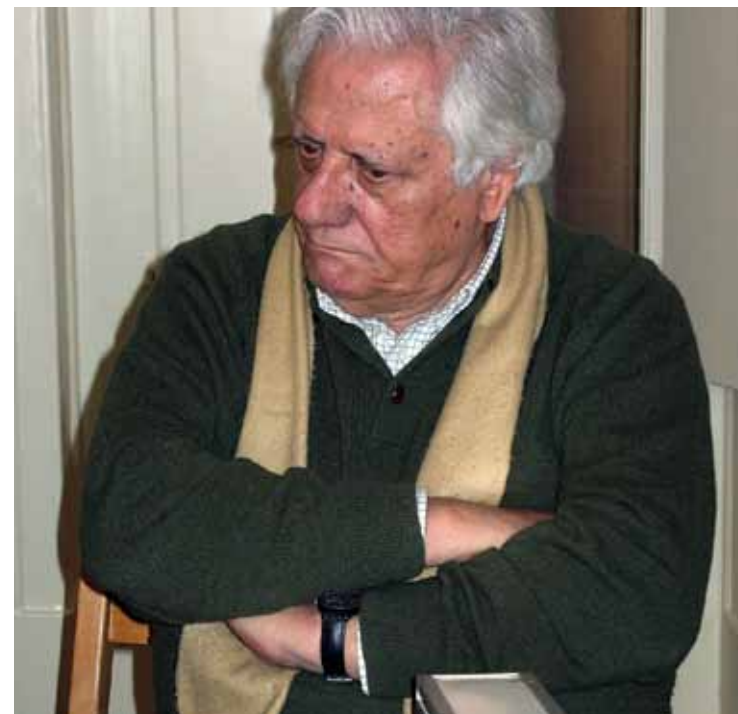
Partiu o homem que não gostava de falar dele próprio, mas que adorava ouvir contar histórias.

Partiu o homem de todas as proezas atléticas e desportivas da juventude, em parêntese inseparável com o irmão Jovito, mais tarde engenheiro civil e companheiro, ao longo da vida, de tantas outras aventuras e proezas no domínio da arte e da técnica, até que a morte dele os separou.

Quando lhe perguntavam qual o segredo de manter um ar tão jovial à entrada dos 90 anos de idade, respondia que tal não deveria certamente ficar a dever-se ao facto de não pensar na morte, pois fazia-o frequentemente, mas confidenciava que o desporto praticado na juventude seria equivalente a um capital depositado no banco, para dele se poder dispor quando a velhice nos toca à porta.

Partiu o homem que dizia ter sido um aluno medíocre (o que era apenas parcialmente verdade).

Partiu aquele que se tornou grande, ao passar toda a vida a pensar. Pensar na universalidade do ser e do pensamento, que não no seu êxito pessoal ou na sua imagem.



“E agora José?” dizia ele com frequência perante o desconhecido, citando o amigo José Cardoso Pires que, ele próprio, citava Carlos Drummond de Andrade (E agora José? A festa acabou, a luz apagou, ..., Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar mas o mar secou,...) que já citava outro, que citava outro, que citava outro até à origem das coisas.

E agora José? De onde vimos e para onde vamos? Diz o ditado popular, que o homem acumula experiências ao longo da vida, mas apenas tem uma experiência fundamental – a própria vida.

Caso tivesse que gravar uma frase na sua campa, recorreria ao poema do Miguel Torga que fala da Liberdade que há em todos nós, “santificado seja o vosso nome” (Liberdade, in Diário XII)

O Manel dizia repetidamente que a liberdade de escolha é a condição primeira de todo o acto criativo, incluindo a liberdade de escolher os limites da sua própria liberdade e lembrava Goethe ao afirmar que “é no trabalho feito dentro de limites que se revela o mestre”.

***‘Etudo isto à vista do mar, do Tejo.
O encontro com a vida foi para mim o
encontro com o mar.’***

Manuel Tainha



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS
COM O ARQ. ALEXANDRE
MARQUES PEREIRA
BIBLIOTECA DE SINTRA